

ELIZABETH STROUT

Olive Kitteridge

Tradução

Sara Grünhagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Elizabeth Strout

Tradução publicada mediante acordo com Random House, uma divisão de Penguin Random House LLC.

Versos de Dream Songs n. 235 e 384 extraídos de *The Dream Songs*, de John Berryman. Copyright © 1969 by John Berryman. Copyright renovado em 1997 por Kate Donahue Berryman. Reproduzido com permissão da Farrar, Straus and Giroux, LLC.

“Uma pequena explosão” [“A Little Burst”] foi publicado em *The New Yorker*, em 1998.

“Um caminho diferente” [“A Different Road”] foi publicado em *Tin House*, em 2007.

“Concerto de inverno” [“Winter Concert”] foi publicado em *Ms.*, em 1999.

“Cesta de viagens” [“Basket of Trips”] foi publicado em *O: The Oprah Magazine*, em 2000.

“Barco numa garrafa” [“Ship in a Bottle”] foi publicado como “Running Away” em *Seventeen*, em 1992.

“Criminosa” [“Criminal”] foi publicado em *South Carolina Review*, em 1994.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Olive Kitteridge

Capa

Flavia Castanheira sobre *Acidente #2*, de Tatiana Blass, 2011, óleo sobre tela, 130 × 180 cm. Coleção particular. Reprodução de Milene Rinaldi.

Preparação

Julia de Souza

Revisão

Huendel Viana

Dan Duplat

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Strout, Elizabeth

Olive Kitteridge / Elizabeth Strout ; tradução Sara Grünhagen
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Olive Kitteridge.

ISBN 978-85-359-3053-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-11339

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Para minha mãe,
que sabe tornar a vida mágica
e é a melhor contadora de histórias que conheço.*

Sumário

Farmácia, 9
Maré enchente, 42
A pianista, 63
Uma pequena explosão, 79
Morrendo de fome, 96
Um caminho diferente, 132
Concerto de inverno, 157
Tulipas, 176
Cesta de viagens, 204
Barco numa garrafa, 226
Segurança, 249
Criminosa, 290
Rio, 312

Farmácia

Durante muitos anos, Henry Kitteridge foi farmacêutico na cidade vizinha e dirigia todas as manhãs em estradas cobertas de neve, ou estradas chuvosas ou estradas ensolaradas de verão, quando as amoras silvestres exibiam seus botões novos nas árvores do último trecho da cidade, antes de ele pegar a estrada mais larga que ia dar na farmácia. Já aposentado, ele ainda acorda cedo e se lembra de como costumava amar as manhãs, como se o mundo fosse um segredo seu, pneus ressoando suavemente e a luz surgindo pelo nevoeiro matinal, a breve visão da baía à direita, depois os pinheiros, altos e esguios, e quase sempre ele dirigia com a janela entreaberta porque adorava o cheiro dos pinheiros e o ar carregado da maresia, e no inverno ele adorava o cheiro do frio.

A farmácia era um pequeno prédio de dois andares contíguo a outro prédio em que havia, separadamente, uma loja de ferramentas e uma pequena mercearia. Todas as manhãs Henry estacionava na parte de trás, ao lado das grandes lixeiras de metal, depois entrava pela porta dos fundos da farmácia e ia acen-

dendo as luzes, ligando o termostato, ou, se fosse verão, pondo os ventiladores para funcionar. Abria o cofre, colocava dinheiro no caixa, destrancava a porta da frente, lavava as mãos, vestia seu jaleco branco. O ritual era agradável, como se a antiga loja — com suas prateleiras de pasta de dente, vitaminas, cosméticos, enfeites de cabelo, até agulhas de costura e cartões de aniversário, além de bolsas de água quente de borracha vermelha e enemas para lavagem intestinal — fosse ela própria uma pessoa serena e imperturbável. E qualquer aborrecimento que pudesse ter havido em sua casa, qualquer inquietação no modo como sua esposa vivia saindo da cama para vaguear pela casa nas horas escuras da noite — tudo isso recuava como a maré quando ele entrava na segurança da farmácia. Postado nos fundos, com as gavetas e fileiras de comprimidos, Henry ficava animado quando o telefone começava a tocar, animado quando a sra. Merriman vinha pegar seu remédio para pressão arterial, ou quando o velho Cliff Mott chegava para comprar sua digitalina, animado quando preparava o Valium para Rachel Jones, cujo marido fugiu na noite em que o bebê deles nasceu. Era da natureza de Henry ouvir, e muitas vezes durante a semana ele dizia: “Meu Deus, sinto muito por isso”, ou: “Mas que coisa, não?”.

No íntimo, ele sofria os sobressaltos silenciosos de um homem que havia testemunhado duas vezes na infância os colapsos nervosos de uma mãe que, no mais das vezes, havia cuidado dele com pulso firme. De forma que, como raramente acontecia, se um cliente ficasse incomodado com algum preço, ou irritado com a qualidade de uma bandagem elástica ou de uma compressa de gelo, Henry fazia o possível para resolver as coisas rapidamente. Durante muitos anos a sra. Granger trabalhou para ele; seu marido era pescador de lagosta, e ela parecia carregar consigo a brisa fria do mar aberto, não muito disposta a agradecer um cliente resabiado. Ele tinha de ficar com os ouvidos atentos

enquanto aviava receitas, para se certificar de que ela não estava no caixa fazendo pouco caso de uma queixa. Mais de uma vez ele se lembrou dessa mesma sensação quando ficava de olho para ver se sua esposa, Olive, não seria dura demais com Christopher por causa de um dever de casa ou de uma tarefa negligenciada; aquela sensação de que sua atenção estava pairando — a necessidade de manter todo mundo contente. Quando ouvia uma aspereza na voz da sra. Granger, ele deixava o seu posto nos fundos, dirigindo-se ao centro da loja para falar ele mesmo com o cliente. Senão por isso, a sra. Granger fazia um bom trabalho. Ele apreciava o fato de ela não ser tagarela, manter um inventário perfeito e quase nunca ligar para dizer que estava doente. Ela ter morrido enquanto dormia uma noite o deixou chocado, e com algum sentimento de responsabilidade, como se tivesse deixado passar, trabalhando ao lado dela durante anos, algum sintoma que pudesse por si só indicar algo que ele, com seus comprimidos e xaropes e seringas, poderia ter remediado.

“Medrosa”, disse sua esposa quando ele contratou a nova garota. “Parece uma ratinha.”

Denise Thibodeau tinha o rosto redondo e olhos pequenos que espreitavam de trás de seus óculos de armação marrom. “Mas uma ratinha simpática”, disse Henry. “Uma ratinha fofa.”

“Não há nada de fofa em alguém que não consegue ficar direito em pé”, disse Olive. Era verdade que os ombros estreitos de Denise pendiam para a frente, como se ela estivesse se desculando por alguma coisa. Ela tinha vinte e dois anos e acabara de sair da universidade estadual de Vermont. Seu marido também se chamava Henry, e Henry Kitteridge, ao encontrar Henry Thibodeau pela primeira vez, enxergou nele uma excelência desprezível. O rapaz era robusto e de feições fortes, tinha uma luz nos olhos que parecia dar um brilho cintilante ao seu rosto decente e comum. Era encanador, trabalhava na empresa do tio. Ele e Denise estavam casados havia um ano.

“Não estou a fim”, disse Olive quando ele sugeriu convidar o jovem casal para jantar. Henry deixou pra lá. Nessa época seu filho — não mostrando ainda os sinais físicos da adolescência — tinha se tornado súbita e teimosamente carrancudo, seu mau humor feito um veneno disparado no ar, e Olive parecia tão mudada e mutável quanto Christopher, e os dois tinham brigas rápidas e furiosas que na mesma velocidade se transformavam numa espécie de cobertor de intimidade silenciosa no qual Henry, perdido, estupefato, se via como um estranho deixado de lado.

Mas parado no estacionamento dos fundos no fim de um dia de verão, enquanto conversava com Denise e Henry Thibodeau e o sol se escondia atrás dos abetos, Henry Kitteridge sentiu um desejo tão grande de estar na presença deste jovem casal, o rosto deles encarando-o com um interesse tímido mas ávido enquanto ele recordava sua própria época na universidade muitos anos antes, que disse: “Bem, vejam. Olive e eu gostaríamos que vocês viessem jantar conosco logo mais”.

Ele dirigiu para casa, passou pelos pinheiros altos, pelo trechinho visível da baía, e pensou nos Thibodeau indo para o outro lado, até seu trailer nos arredores da cidade. Imaginou o trailer, aconchegante e bem cuidado — pois Denise era caprichosa em seus hábitos — e imaginou-os contando as notícias do dia. Denise talvez dissesse: “Ele é um chefe tranquilo”. E Henry talvez dissesse: “Ah, gosto muito do sujeito”.

Pegou a entrada de casa, que não era bem uma entrada, mas um pedaço de gramado no topo da colina, e viu Olive no jardim. “Olá, Olive”, disse ele, aproximando-se. Queria envolvê-la com os braços, mas havia uma escuridão que parecia ficar ali parada ao lado dela feito um conhecido que não ia embora de jeito nenhum. Ele contou que os Thibodeau viriam jantar. “É a coisa certa a fazer”, disse ele.

Olive secou o suor do lábio superior, virou-se para arrancar

um punhado de açafão-bravo. “Tá certo, então, sr. Presidente”, disse ela. “Faça o seu pedido para a cozinheira.”

Na sexta-feira à noite o casal seguiu-o até sua casa, e o jovem Henry apertou a mão de Olive. “Que casa bonita”, disse ele. “Com essa vista para o mar. O sr. Kitteridge disse que vocês mesmos a construíram.”

“De fato, nós a construímos.”

Christopher ficou sentado de lado na mesa, recostado com uma insolência adolescente, e não respondeu quando Henry Thibodeau perguntou se ele praticava algum esporte na escola. Henry Kitteridge sentiu uma fúria inesperada brotar dentro de si; queria gritar com o garoto, cujos maus modos, ele sentia, revelavam algo desagradável que não se esperaria encontrar na casa dos Kitteridge.

“Quando você trabalha numa farmácia”, disse Olive a Denise, colocando um prato de feijões-brancos adocicados diante dela, “você fica sabendo dos segredos de todo mundo na cidade.” Olive sentou-se de frente para ela, empurrou um frasco de ketchup. “Tem que saber ficar de boca fechada. Mas parece que você já sabe fazer isso.”

“Denise sabe disso”, disse Henry Kitteridge.

O marido de Denise disse: “Ah, com certeza. O senhor não encontraria ninguém mais confiável que Denise”.

“Acredito em você”, disse Henry, passando um cesto de pãezinhos para o rapaz. “E, por favor. Me chame de Henry. Um dos meus nomes favoritos”, acrescentou ele. Denise riu baixinho; ela gostava dele, ele podia ver.

Christopher afundou ainda mais no assento.

Os pais de Henry Thibodeau moravam em uma fazenda no interior, de modo que os dois Henrys falaram de colheitas, e feijões-trepadores, e o fato de o milho não estar tão doce neste verão pela falta de chuva, e sobre como fazer um bom canteiro de aspargos.

“Ah, pelo *amor* de Deus”, disse Olive quando, ao passar o ketchup para o rapaz, Henry Kitteridge o derrubou, fazendo-o espirrar feito sangue espesso pela mesa de carvalho. Ao tentar pegar o frasco, ele acabou fazendo-o rolar vacilante, sujando de ketchup a ponta dos dedos e depois sua camisa branca.

“Deixa”, ordenou Olive, erguendo-se. “Deixa assim, Henry. Pelo amor de Deus.” E Henry Thibodeau, talvez por ouvir seu próprio nome sendo dito com rispidez, recostou-se na cadeira, parecendo abalado.

“Caramba, que bagunça eu fiz”, disse Henry Kitteridge.

Como sobremesa cada um recebeu uma tigela azul com uma bola de sorvete de baunilha deslizando no meio. “Baunilha é o meu favorito”, disse Denise.

“Ah, é?”, disse Olive.

“O meu também”, disse Henry Kitteridge.

Com a chegada do outono, as manhãs ficando mais escuras, e a farmácia recebendo diretamente apenas uma curta réstia do sol antes de ele passar pelo prédio e deixar a loja iluminada com suas próprias luzes do teto, Henry ficava nos fundos enchendo os pequenos frascos de plástico, atendendo o telefone, enquanto Denise permanecia na frente, perto da caixa registradora. Na hora do almoço, ela desembulhava um sanduíche que trazia de casa, e o comia nos fundos onde ficava o estoque, depois ele almoçava, e às vezes, quando não havia ninguém na loja, eles se demoravam tomando um café comprado na mercearia ao lado. Denise parecia uma garota naturalmente calada, mas era dada a surtos de súbita loquacidade. “Minha mãe teve esclerose múltipla durante anos, sabe, então já desde muito cedo todos aprendemos a ajudar. Todos os meus três irmãos são diferen-

tes. Não acha curioso quando acontece dessa forma?” O irmão mais velho, disse Denise, endireitando um frasco de xampu, foi o favorito do pai até se casar com uma garota de que o pai não gostava. Seus próprios sogros eram maravilhosos, disse ela. Ela tinha tido um namorado antes de Henry, um protestante, e os pais dele não foram tão gentis com ela. “Não teria dado certo”, disse ela, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

“Bem, Henry é um excelente rapaz”, respondeu Henry.

Ela concordou com a cabeça, sorrindo através dos óculos como uma garota de treze anos. Novamente, ele imaginou o trailer, os dois feito filhotinhos crescidos tropeçando um no outro; ele não saberia dizer por que isso lhe dava esse tipo específico de felicidade que sentia, como ouro líquido sendo derramado por dentro dele.

Ela era tão eficiente quanto a sra. Granger fora, porém mais tranquila. “Logo abaixo das vitaminas no segundo corredor”, dizia ela a um cliente. “Aqui, vou te mostrar.” Um dia ela disse a Henry que às vezes deixava uma pessoa vagar pela loja antes de perguntar se podia ajudá-la. “Com isso, sabe, talvez elas encontrem algo de que não sabiam que estavam precisando. E suas vendas vão aumentar.” Um bloco de sol de inverno se projetava obliquamente através do vidro da estante de cosméticos; uma faixa do piso de madeira brilhava como mel.

Ela ergueu as sobrancelhas em aprovação. “Que sorte a minha, Denise, quando você entrou por aquela porta.” Ela ajeitou os óculos para cima com o dorso da mão, depois passou o espanador nos potes de pomada.

Jerry McCarthy, o garoto que trazia os medicamentos de Portland semanalmente — ou com mais frequência, se necessário —, às vezes almoçava na sala dos fundos. Ele tinha dezoito anos, acabara de sair do ensino médio; um garoto grande, gordo

e de rosto macio, que transpirava tanto que se formavam manchas úmidas em sua camisa, às vezes até embaixo das mamas, a ponto de o pobre rapaz parecer que estava amamentando. Sentado num caixote, seus joelhos grandes praticamente na altura das orelhas, ele comia um sanduíche derrubando pedaços de salada de ovo com maionese ou atum, que iam parar em sua camisa.

Mais de uma vez Henry viu Denise lhe estender um papel-toalha. “Acontece comigo”, Henry a ouviu dizer um dia. “Toda vez que eu como um sanduíche que não é só de frios, acabo fazendo uma bagunça.” Não podia ser verdade. A garota era limpíssima, pra não dizer impecável.

“Boa tarde”, dizia ela quando o telefone tocava. “Aqui é da Farmácia Village. Como posso ajudar hoje?” Feito uma garota brincando de adulta.

E então: numa manhã de segunda-feira, quando o ar da farmácia carregava um frio cortante, ele pôs-se a abrir a loja, dizendo: “Como foi seu fim de semana, Denise?”. Olive tinha se recusado a ir à igreja no dia anterior, e Henry, atipicamente, disse a ela com frieza. “É pedir demais”, ele se pegou perguntando, enquanto estava na cozinha de cueca, passando sua calça, “que a esposa de um homem o acompanhe até a igreja?” Ir sem ela parecia uma exposição pública de fracasso familiar.

“Sim, com toda a certeza é pedir demais!”, disse Olive quase cusbindo, a porta de sua fúria escancarada. “Você não faz ideia de como estou cansada, dando aulas o dia todo, participando de reuniões idiotas com um maldito diretor que é um imbecil! Fazendo compras. Cozinhando. Passando. Lavando roupa. Ajudando Christopher no dever de casa! E *você*...” Ela tinha se agarrado ao encosto de uma cadeira da sala de jantar, e seu cabelo escuro, ainda despenteado da desarrumação noturna, caíra sobre os olhos. “*Você*, sr. Primeiro-Diácono-Metido-a-Besta, es-

pera que eu abra mão das minhas manhãs de domingo e vá ficar sentada no meio de um bando de gente insuportável!” Muito de repente, ela tinha sentado na cadeira. “Bem, estou de saco cheio e cansada disso”, disse calmamente. “Estou farta disso.”

Uma escuridão retumbou dentro dele; sua alma estava sufocando em piche. Na manhã seguinte, Olive puxou conversa com ele casualmente. “O carro de Jim estava cheirando a vômito na semana passada. Espero que ele tenha limpado.” Jim O’Casey era colega de Olive, e durante anos deu carona até a escola tanto para Christopher quanto para ela.

“Tomara”, disse Henry, e com isso a briga deles terminara.

“Ah, tive um fim de semana maravilhoso”, disse Denise, os olhos pequeninos atrás dos óculos olhando para ele com uma avidez tão infantil que poderia ter partido seu coração ao meio. “Fomos visitar os amigos de Henry e colhemos batatas à noite. Henry ligou os faróis do carro e a gente colheu batatas. Encontrar batatas naquela terra fria — tipo uma caça a ovos de Páscoa!”

Ele parou de desembalar uma remessa de penicilina e desceu um degrau para falar com ela. Não havia clientes ainda, e abaixo da janela da frente o radiador chiava. Ele disse: “Mas que divertido, Denise”.

Ela assentiu, tocando o topo da prateleira de vitaminas ao lado. Uma leve sombra de medo pareceu atravessar seu rosto. “Senti frio e fui sentar no carro, aí fiquei vendo Henry colhendo batatas e pensei: é bom demais para ser verdade.”

Ele ficou se perguntando o que, em sua jovem vida, provocou essa falta de confiança na felicidade; talvez a doença da mãe. Disse: “Aproveite, Denise. Você tem muitos anos de felicidade pela frente”. Ou talvez, ele pensou voltando para as caixas, tivesse a ver com ser católico — você era levado a se sentir culpado por tudo.

O ano que se seguiu — será que foi o mais feliz de sua vida? Ele costumava pensar que sim, embora soubesse que era tolice afirmar uma coisa dessas sobre qualquer ano da vida de alguém; mas em sua memória aquele ano específico concentrou a doçura de uma época que não incluía pensamentos de um começo nem pensamentos de um fim, e quando ele dirigia para a farmácia cedo pela manhã na escuridão de inverno, depois na luz irruptiva da primavera, o verão a plenos pulmões se abrindo diante dele, eram os pequenos prazeres de seu trabalho que pareciam, em sua simplicidade, enchê-lo até a borda. Quando Henry Thibodeau entrava no estacionamento de cascalho, Henry Kitttridge costumava segurar a porta aberta para Denise, dizendo: “E aí, Henry?”, e Henry Thibodeau esticava a cabeça pela janela aberta do carro e respondia: “E aí, Henry?”, com um grande sorriso num rosto iluminado de decência e alegria. Às vezes era só uma saudação. “Henry!”. E o outro Henry devolvia: “Henry!” Eles se divertiam com isso, e Denise, feito uma bola de futebol americano jogada gentilmente entre eles, desaparecia loja adentro.

Quando ela tirava as luvas, suas mãos eram tão finas quanto as de uma criança, e no entanto, quando tocava os botões da caixa registradora ou guardava algo dentro de um saco de papel branco, elas assumiam as várias formas das mãos de uma mulher adulta e graciosa, mãos que — Henry pensava — tocariam seu marido amorosamente; que iriam, com a silenciosa autoridade de uma mulher, trocar um dia a fralda de um bebê, alisar uma testa febril, colocar um presente da fada dos dentes debaixo de um travesseiro.

Observando-a, enquanto ela ajeitava os óculos para cima e lia a lista do inventário, Henry pensou que ela era a essência da

América, pois isso era na época em que o negócio hippie estava começando, e ler na *Newsweek* sobre a maconha e o “amor livre” podia causar um mal-estar em Henry que uma olhada para Denise já dissipava. “Vamos para o inferno como os romanos”, dizia Olive, triunfante. “A América é um grande queijo que apodreceu.” Mas Henry não deixaria de acreditar que a moderação prevalecia, e em sua farmácia ele trabalhava todos os dias ao lado de uma garota cujo único sonho era algum dia formar uma família com seu marido. “Eu não ligo pra liberação das mulheres”, disse ela a Henry. “Quero ter uma casa e arrumar camas.” Ainda assim, se ele tivesse tido uma filha (teria adorado ter uma filha), a teria alertado contra isso. Teria dito: tudo bem, arrume camas, mas encontre uma forma de continuar usando sua cabeça. Mas Denise não era sua filha, e ele disse a ela que era nobre ser dona de casa — vagamente ciente da liberdade que havia em se importar com alguém que não tinha o seu sangue.

Ele amava a inocência dela, amava a pureza dos seus sonhos, mas isso não significava, é claro, que estava apaixonado por ela. A reticência natural dela fez na verdade com que ele desejasse Olive com uma nova onda de energia. Suas opiniões cortantes, seus seios volumosos, seus humores tempestuosos e sua risada súbita e profunda despertavam dentro dele um novo nível de erotismo dolorido, e às vezes quando ele estava inquieto no escuro da noite não era Denise quem vinha à sua mente, mas, estranhamente, seu marido jovem e forte — a impetuosidade do rapaz ao dar vazão à animalidade da posse —, e Henry Kitteridge tinha um flash de incrível frenesi, como se no ato de amar sua esposa ele se juntasse a todos os homens amando o mundo das mulheres, que continham o segredo escuro e musgoso da terra profunda dentro delas.

“Minha nossa”, dizia Olive, quando ele saía de cima dela.

Na faculdade, Henry Thibodeau tinha jogado futebol americano, assim como Henry Kitteridge. “Não era ótimo?”, perguntou o jovem Henry um dia. Ele tinha chegado cedo para buscar Denise e entrara na loja. “Ouvir as pessoas gritando das arquibancadas? Ver aquele passe chegando direitinho até você e saber que você vai conseguir pegar? Meu amigo, eu amava aquilo.” Ele sorriu, seu rosto claro parecendo emanar uma luz refratada. “Amava.”

“Desconfio que nem de longe eu era tão bom quanto você”, disse Henry Kitteridge. Ele fora bom em correr e se lançar no campo, mas não tinha sido agressivo o bastante para ser um jogador realmente bom. Ficava envergonhado ao se lembrar de que sentia medo a cada jogo. Ficou até feliz quando suas notas baixaram e teve que desistir.

“Ah, eu não era tão bom”, disse Henry Thibodeau, esfregando a cabeça com a mão grande. “Apenas gostava daquilo.”

“Ele era bom”, disse Denise, vestindo o casaco. “Ele era realmente bom. As líderes de torcida tinham um grito só pra ele.” Timidamente, orgulhosa, ela disse: “É sho-ow, Thibodeau, é sho-ow”.

Dirigindo-se à porta, Henry Thibodeau disse: “Olha, logo vamos chamar você e Olive para vir jantar com a gente”.

“Ah, por favor — não se preocupem com isso.”

Denise havia escrito a Olive um bilhete de agradecimento com sua letra pequena e caprichada. Olive passou os olhos por ele, atirou-o sobre a mesa para Henry. “A letra é tão cautelosa quanto ela”, disse Olive. “Ela é a garota mais *sem graça* que eu já vi. Com aquela palidez toda, por que ela ainda veste cinza e bege?”

“Não sei”, disse ele, concordando, como se ele próprio já tivesse se perguntado. Nunca tinha pensado nisso.

“Ela é simplória”, disse Olive.

Mas Denise não era simplória. Era rápida com números e se lembrava de tudo que Henry lhe dizia sobre os medicamentos que vendia. Tinha se especializado em zootecnia na universidade e entendia de estruturas moleculares. Às vezes, no intervalo, sentava num caixote na sala dos fundos com o *Manual Merck* no colo. Seu rosto infantil, tornado sério pelos óculos, pairava concentrado sobre a página, os joelhos apontados para cima, os ombros caídos para a frente.

Fofa, pensava ele enquanto dava uma espiada pela porta ao passar. Ele às vezes dizia: “Tudo bem aí, Denise?”.

“Ah, sim, tudo bem.”

Seu sorriso se demorava enquanto ele organizava seus frascos, fazia etiquetas. A natureza de Denise se combinava à dele tão facilmente quanto aspirina se ligava com a enzima COX-2; Henry atravessava o dia de forma indolor. O chiado doce dos radiadores, o tilintar do sino quando alguém entrava pela porta, o ranger do piso de madeira, o *ca-tchin* da caixa registradora: naqueles dias ele às vezes pensava que a farmácia era como um sistema nervoso autônomo e saudável num estado funcional e tranquilo.

À noite, era tomado pela adrenalina. “Só o que eu faço é cozinhar e limpar e arrumar a bagunça dos outros”, gritava Olive às vezes, largando com força uma tigela de guisado de carne na frente dele. “As pessoas simplesmente ficam esperando que eu as sirva, com cara de coitadas.” A tensão fazia os braços dele formigarem.

“Talvez você devesse ajudar mais em casa”, disse ele a Christopher.

“Como ousa dizer a ele o que fazer? Você nem mesmo presta atenção o bastante pra saber o que ele tem passado na aula de estudos sociais!” Olive gritou enquanto Christopher permanecia

em silêncio, um sorrisinho no rosto. “Puxa vida, Jim O’Casey é mais compreensivo com o garoto do que você”, disse Olive. Ela bateu forte na mesa com um guardanapo.

“Jim dá aula na escola, pelo amor de Deus, e vê você e Chris todo dia. Qual é o problema com a aula de estudos sociais?”

“É só que o maldito professor é um imbecil, coisa que Jim entende intuitivamente”, disse Olive. “Você também vê Christopher todo dia. Mas você não sabe nada porque está seguro no seu mundinho com a Senhorita Simplória.”

“Ela é uma boa funcionária”, respondeu Henry. Mas pela manhã o negrume do humor de Olive geralmente já tinha desaparecido, e Henry podia dirigir para o trabalho com uma renovação da esperança que parecera evanescente na noite anterior. Na farmácia havia boa vontade.

Denise perguntou a Jerry McCarthy se ele pretendia fazer faculdade. “Sei lá. Acho que não.” O rosto do garoto ficou vermelho — talvez ele tivesse uma quedinha por Denise, ou talvez se sentisse uma criança diante dela, um garoto ainda morando com os pais, com seus pulsos e barriga rechonchudos.

“Faça um curso noturno”, disse Denise, animada. “Você pode se matricular logo depois do Natal. Só uma disciplina. Você devia fazer isso.” Denise assentiu com a cabeça, e olhou para Henry, que assentiu também.

“É verdade, Jerry”, disse Henry, que nunca tinha dado muita atenção ao garoto. “Pelo que você se interessa?”

O garoto encolheu os ombros largos.

“Alguma coisa deve te interessar.”

“Isso aqui.” O garoto gesticulou na direção das caixas de comprimidos embalados que recém-trouxera pela porta dos fundos.

E então, incrivelmente, ele se matriculou num curso de ciências, e quando recebeu uma nota A naquela primavera, De-